

## REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

CARNEIRO, Agostinho Dias (Org.). *O Discurso da Mídia*, Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1996, 154 p.

O presente volume contém os seguintes ensaios ou artigos: “Para uma nova análise do discurso”, por Patrick Charaudeau; “Processo Enunciativo: análise de alguns atos de linguagem”, por Giani David Silva / Hugo Mari / Paulo Henrique A. Mendes; “Discurso e informação televisionada: evoluções estratégicas”, por Guy Lochard; “Jornal televisivo: estratégias argumentativas na construção da credibilidade, por Maria Aparecida Lino Pauliokonis / Leonor Werneck dos Santos / Sigrid Castro Gavazzi; “Análise discursiva de um gênero televisivo: a entrevista no talk show *Jô Soares 11 e Meia*”, por Ida Lúcia Machado; “Argumentação no jornalismo escrito”, por José Carlos Santos de Azeredo / Regina Célia Cabral Angelim; “Contribuição ao estudo do modo argumentativo de organização do discurso: análise de um texto jornalístico”, por Helênio Fonseca de Oliveira; “Discurso e mensagens publicitárias”, por Jean-Claude Soulages. Note-se a extensão dos títulos de alguns artigos e a tendência para a pluricolaboração. Dois dos autores supracitados, Patrick Charaudeau e Jean-Claude Soulages são franceses e tiveram os textos traduzidos para o português. Os demais são brasileiros. Convém observar que a palavra *mídia* é grafia da pronúncia inglesa do vocábulo *media*. *Media* é o plural latino de *medium* e significa simplesmente “meios”. A nossa pronúncia *média* está muito mais próxima da latina do que a anglicana *mídia*. Já que não somos anglófonos e sim lusófonos, vamos libertar-nos desse colonialismo cultural, que só nos deprecia, e escrever e dizer *média*.

O presente volume, como se vê, é uma coletânea de trabalhos referentes à análise do discurso, versão modernizada da lingüística da *parole* já anunciada por Saussure, disciplina que, aliás, ainda não tem objeto nem metodologia definidos.

\*

BARROSO, Henrique. *O Aspecto Verbal Perifrástico em Português Contemporâneo (visão funcional / sincrônica)*, Porto, Porto Editora, 1994, 187 p.

Embora um pouco tardiamente (mas não faz muito o presente volume nos chegou às mãos), pela atualidade do tema e pelo seguro tratamento que lhe deu o autor (no Prefácio, o Prof. Doutor Herculano de Carvalho o considera de “real mérito”), o presente estudo tem lugar neste Registro.

A categoria verbal do aspecto se apresenta formalmente diferenciada em várias línguas, quer pelo radical (temas do *infectum* e do *perfectum*, em latim), quer pela. afixação (em russo as formas verbais do *perfectivo* são prefixadas e as do *imperfectivo*, não).

Nas línguas românicas a categoria do aspecto não é caracterizada por um processo morfológico, como o acima descrito, e sim lexicologicamente, por meio de verbos ditos “auxiliares”. Todavia o Prof. Mattoso Câmara Jr., em *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, sustenta que “A oposição entre aspecto perfeito e imperfeito mantém-se intacta\* na primeira zona pretérita, onde se distinguem mórfica e semanticamente uma forma como *amabas*, port. *amavas*, e outra como *ama(ui)isti*, port. *amaste* (1975:131)”.

O Prof. Barroso salienta, no título, que o seu estudo é “sincrônico e funcional”, mas não deixa de incluir no trabalho, um capítulo, o IV, ainda que breve, sobre a “Origem das perífrases verbais aspectuais”.

Em sua bibliografia tematicamente selecionada inclui vários autores brasileiros, como Said Ali, Celso Cunha, Gladstone Chaves de Melo, Mattoso Câmara Jr., Ataliba T. de Castilho. Dentre os autores de textos utilizados na exemplificação, há também brasileiros: Machado de Assis, José Lins do Rego, Érico Veríssimo. O modelo teórico e metodológico escolhido foi o do Prof. Eugênio Coseriu e o de seu antigo discípulo Wolf Dietrich.

Adverte o Prof. Barroso que o grupo perifrástico é sempre constituído por um verbo auxiliar, que se conjuga integralmente, e um verbo auxiliado, que só pode aparecer em suas formas nominais: infinitivo, gerúndio ou part. passado (p. 59). Estuda a seguir a realização gramatical do aspecto verbal. Reparte essa realização em a) de expressão flexional e b) de expressão perifrástica. Considera esta última como “a realização ótima da categoria do aspecto em português contemporâneo”. O capítulo central é o III, que praticamente repete o título da obra. Aí distingue o A. os seguintes tipos de aspecto: a) *Visão paralizadora* (seis subcategorias), b) *Fase* ou *Grau* (sete subcategorias), c) *Colocação* (três subcategorias), d) *Repetição* (uma subcategoria; aqui a subcategoria se confunde com a categoria), e) *Duração* (uma subcategoria (idem), f) *Resultado* (duas subcategorias), g) *Cumprimento* ou *Acabamento*.

Como se vê, classificação minuciosa, que revê um espírito preocupado em não deixar incompleta a sua análise. Realmente trabalho meritório, como já acentuara o Prof. Herculano de Carvalho, que se há de incorporar à bibliografia básica respeitante ao aspecto verbal em português.

\*

ANAIS DO XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA E LITERATURA, Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1996, 258 p.

Contou o presente número com o apoio Cultural da FAPERJ, UERJ e Fundação Calouste Gulbenkian.

O Congresso teve de dividir-se em várias secções, a saber: A - Homenagem ao escritor português Pedro Tamen; B - Teoria da Literatura; C - Língua Portuguesa e Crítica Textual; D - Estudos Camonianos; E - Estudos Galego-Portugueses; F - Análise Iconográfica e Cancioneiro Popular; G - Temas de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira; e mais duas partes, sob forma de Apêndice: I - Literaturas Africanas e II - Línguas Indígenas Brasileiras, constante este de um só trabalho, o da Prof<sup>a</sup> Ionne Leite: “As línguas da família tupi-guarani: uma proposta de análise”.

Um tanto a esmo, e só para dar ao leitor uma idéia do conteúdo destes *Anais*, enumeraremos alguns artigos, pois nos falta espaço que evitasse omissões: “Psicanálise e Memória”, por Antônio Sérgio de Mendonça; “O discurso feminino e a transgressão”, por Helena Parente Cunha; “A palavra *Crítica*”, por Luiz Costa Lima; “A moderna Crítica Textual, o problema das variantes formais e o *usus scribendi* de Camões”; por Barbara Spaggiari; “Sobre a Crítica Textual moderna: fator dinâmico e recodificação”, por Maurizio Perugi; “Sobre as atuais dimensões da Crítica Genética”, por Philippe Willemart; “Palavras iniciais sobre os estudos galego-portugueses”; por Reynaldo Valinho Alvarez; “Estudos galego-portugueses em pauta no Dia de Santiago”, por Maria do Amparo Tavares Maleval; “Comicidade e sátira no cancioneiro de Noel Rosa”; por Antônio Martins de Araújo e Castelar de Carvalho; “O teatro do Padre Anchieta: recursos dramáticos para a evangelização”, por Nicolás Extre Tapia e Oúsa Trias Folch”; “As vozes da narrativa no romance MAÍRA”, de Darcy Ribeiro, por Leodegário A. de Azevedo Filho; “MAYOMBE, uma epopéia angolana”, por Rosita Silveirinha Paneiro Corrêa.

À Sociedade Brasileira de Língua e Literatura e ao seu Presidente, Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho, os nossos parabéns por mais essa etapa brilhantemente vencida na vida da SBL, a caminho da terceira década de existência.

\*

DORIA, Escragnolle. *Memória Histórica do Colégio de Pedro Segundo*, Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais, 1997, 302 p.

Em 1937 completava o Colégio Pedro II o primeiro centenário de sua fundação. Como parte das comemorações, escreveu o eminente historiador Escragnolle Doria, então catedrático da Instituição, a supracitada *Memória Histórica*. que em pouco se esgotou. Em 1990, o Prof. Antônio José Chediak, Diretor-Geral do Colégio, sentindo a necessidade da recuperação de tão importante obra., houve por bem nomear uma Comissão presidida pelo Catedrático Emérito, Prof. Roberto Bandeira Accioli, com a finalidade de reeditar o trabalho esgotado e dar-lhe continuidade até à época presente (ou seja, de 1938 em diante). Terminado, porém, o seu mandato, coube ao Prof. Wilson Choeri, atual Diretor-Geral, dar continuidade ao Projeto, que agora veio a lume, em primorosa edição do INEPE, graças em boa parte à eficiência de seu Presidente, Prof<sup>a</sup> Maria Helena Guimarães de Castro.

Divide-se a *Memória* nas seguintes partes: Prefácio (Wilson Choeri), Apresentação, Projeto de Atualização da Memória. Histórica do Colégio Pedro II, Luiz Gastão d'Escragnolle Doria: Apontamentos Biobibliográficos, Bibliografia de Escragnolle Doria, Texto da publicação original de 1937, Índice Onomástico.

Esta publicação se torna peça da maior importância para o estudo da história da educação no Brasil, onde o Pedro II ocupa posição exponencial, pelo alto nível cultural do seu corpo docente que lhe permitiu conceder o título de Bacharel em Ciências e Letras, aos alunos que se tivessem alçado ao sexto ano, coroamento dos estudos de nível médio (ainda não dispúnhamos de curso superior de Letras). Privilégio que desfrutava por ser o estabelecimento padrão de ensino médio para todo o país.

\*

150 anos com EÇA DE QUEIRÓS. *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, Centro de Estudos Portugueses, USP, São Paulo, 1997, 735 p.

Eça de Queirós foi um dos escritores mais lidos e admirados no Brasil em sua época e ainda hoje conta com grande número de devotos e estudiosos de sua obra. Este alentado volume, resultante das atividades culturais do III Encontro Internacional de Queirosianos, promovido pelo Centro de Estudos Portugueses, da Universidade de São Paulo, é disso demonstração.

O volume contém todos os trabalhos entregues para publicação (em número de 86), que focalizaram os mais diferentes aspectos da produção literária do celebrado ficcionista. Compareceram professores e pesquisadores de Por-

tugal, da Itália, da França, da Inglaterra e também, como é óbvio, de vários Estados do país. Na sessão de abertura, falaram Elza Miné (Brasil) e Carlos Reis (Portugal) e, na de encerramento, Eduardo Lourenço (Portugal) e Isabel Pires de Lima (Portugal). Na preparação dos textos, optou-se pelo respeito tanto às normas ortográficas brasileiras como às portuguesas, consoante a grafia dos originais. O mesmo em relação à forma de grafar Eça de Queirós/Queiroz.

O evento contou com a participação assídua de escritores, professores, estudantes, além de grande número de interessados.

\*

HISTORIA E ANTOLOGIA DA LITERATURA PORTUGUESA (Séculos XIII-XIV), Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Biblioteca e Apoio à Leitura, Série HALP, n° 2, junho 97; n° 3, setembro 97, Lisboa.

Consta a Série HALP de Fascículos ou Boletins distribuídos gratuitamente com o *Jornal de Letras*, de Lisboa, o melhor jornal literário do momento em língua portuguesa. Precedem o texto antológico “Notas Prévias” assinadas por Isabel Allegro de Magalhães, a quem incumbe a editoração dos fascículos. Trata-se, neste primeiro fascículo, de tentativa de divulgação da poesia medieval portuguesa, sem prejuízo de sua feição científica. Da “Nota Prévia” do 1º fasc., colhemos as seguintes informações: a) De 500 e poucas *Cantigas d’Amigo*, foram selecionadas 73; b) De quase 700 *Cantigas d’Amor*, escolheram-se 20; c) Das 431 *Cantigas d’Escarnho e Maldizer*, extraíram-se 75. Os textos das *Cantigas d’Amigo* foram retirados da edição Rip Cohen, de próxima publicação (o editor cedeu os textos, como amostragem, à presente Antologia); os das *Cantigas d’Amor* seguem as edições críticas de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e de José Joaquim Nunes, e os das *Cantigas d’Escarnho e Maldizer*, a de Manuel Rodrigues Lapa, edição revista e aumentada de 1970, nova publicação em 1995. Incluem-se também 12 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio, na ed. Walter Mettman, 1ª 1959-1972, 2ª 1986-89. Acompanha um *Glossário*, retirado ou adaptado dos seguintes glossários: de J.J. Nunes, nas edições críticas das *Cantigas d’Amigo* e *d’Amor*; de Rodrigues Lapa, na ed. crítica das *Cantigas d’Escarnho*; de Walter Mettman, nas *Cantigas de Santa Maria*; de Carolina Michaëlis, edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*, isso quanto ao primeiro Boletim.

O segundo fascículo é dedicado à prosa. Contém textos do *Livro de José de Arimatéia* (extraído da antologia de Hélder Godinho *A Prosa Medieval Portuguesa*; o texto pertence à edição de Ivo Castro, ainda no prelo, por cessão especial do autor); da *Demanda do Santo Graal* (extraído da edição de Irene Freire Nunes); *Horto do Esposo* (extraído da ed. crítica de Bertil Maler), *Bí-*

*blia Medieval Portuguesa: Histórias d'Abreviado do Testamento Velho, segundo o Mestre das Histórias Escolásticas* (extraído de texto apurado por Serafim da Silva Neto, vol. I); *Vidas e Paixões dos Apóstolos* (texto extraído da edição crítica de Isabel Vilares Cepeda); *Vida de Társis* (Ms. alcobacense, texto crítico de Ana Maria Martins, em *Rev. Lus. Nova Série* (4), 1982-83, p. 16-17); *A Vida de uma Monja* (Ms. alcobacense, a mesma fonte do anterior, p. 18-19).

Há breves estudos introdutórios, a saber: *Aspectos da Prosa Medieval Portuguesa*, por Hélder Godinho (excerto); *Novela de Cavalaria*, por Ettore Finazzi-Agró; *Matéria da Bretanha ou Literatura Arturiana*, por Ivo Castro; *Introdução à edição de "A Demanda do Santo Graal"*, por Irene Freire Nunes; *O "Horto do Esposo"*, por Mário Martins; *Bíblia*, por José Antunes, e *Hagiografia*, por Aires Augusto Nascimento.

O *Glossário* é extraído dos que estão nas edições da *Demanda do Santo Graal*, na *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* e na *Antologia da Prosa Medieval*, organizada por Hélder Godinho. Finaliza uma "Bibliografia Sumaria".

Só nos resta louvar mais uma vez essa desinteressada contribuição da Fundação Calouste Gulbenkian à cultura portuguesa, que tanto já lhe deve.

\*

FEIJÓ SOBRINHO, Pedro da Silva. *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Revan, 1997, 206 p.

Consta o presente volume de um Prefácio, Introdução, seis capítulos (I- As transformações mundiais; II- As relações culturais da CPLP; III- As relações político-diplomáticas da CPLP; IV- As relações econômicas da CPLP; V- Os fatores endógenos e exógenos e as possibilidades de cooperação multiforme da CPLP; VI - Considerações finais), sete Anexos, Notas, Bibliografia.

O Autor é natural de Angola, mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e Bel. em Ciências Sociais pela Escola Superior do Partido Dr. Agostinho Neto, de Angola.

O Prefácio, intitulado "A CPLP: um processo em construção" é assinado por Fernando Augusto Albuquerque Mourão. O livro, com pequenas alterações, reproduz a dissertação apresentada ao Instituto de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade de Brasília, para obtenção do grau de Mestre.

Pode-se tomar como ponto de partida para a institucionalização da CPLP o Tratado de Amizade e Consulta assinado por Portugal e Brasil em 1955. Criava-se assim o eixo que iria possibilitar a emergência oficial da Comunidade. O segundo passo foi o da criação de um Instituto Internacional da Língua

Portuguesa, em São Luís do Maranhão, Brasil, em 1989, sob a inspiração do Embaixador José Aparecido de Oliveira, com a presença de Chefes de Estado do Brasil, Portugal e países africanos. Em 1992, Portugal criava o Instituto Camões, destinado a “protagonizar uma resposta integrada e moderna aos imperativos de defesa da língua e valorização da cultura portuguesa”. Realizaram-se depois varias reuniões entre Ministros da Educação e Cultura dos sete países da Comunidade, como fases preparatórias para a institucionalização da Comunidade. Finalmente, em 17 de julho de 1996 dá-se em Lisboa a institucionalização da Comunidade.

Temos de reconhecer que a criação da CPLP logrou fraca repercussão entre os países supostamente interessados. Todavia a maré montante da globalização, ameaçando engolir soberanias e culturas, irá tornando cada vez mais imperiosa e almejada a consubstanciação dessa união de valores arraigados no solo de uma história comum. E, para isso, o presente volume vem trazer alento e confiança.

\*

MARQUES, Núbia. *João Ribeiro Sempre*, Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, 1996, 226 p.

Consta o presente livro de cinco capítulos, a saber: O pensamento de João Ribeiro, O que pensam sobre João Ribeiro, João Ribeiro vida e obra, Auto-retrato de João Ribeiro. Segue-se Bibliografia.

João Ribeiro, autor sergipano, bem merece a atenção e carinho de seus conterrâneos. Muito estudou, muito aprendeu, a sua inteligência e cultura tornaram-no um dos vultos mais eminentes de nossa galeria de sabedores, mormente levando em conta o meio acanhado de então (datas extremas: 1860-1934), mesmo vivendo no Rio de Janeiro, então capital do país. Grande parte de sua vida dedicou-a ao jornalismo, sempre mal pago, mas do qual necessitava para suprir seus meios de subsistência. Nunca foi estritamente um neogramático, embora não se tivesse descurado da fonética histórica. Mas o que mais o empolgava era surpreender a criatividade na linguagem. Daí o seu, pendor para os estudos folk-lóricos, a paremiologia, os ditos populares. Conhecia, no entanto, muito bem os clássicos e foi mesmo um precursor entre nós desses estudos com a sua *Seleção Clássica*. O que não obstou a que, mais tarde, em *A Língua Nacional*, tivesse declarado ser a língua portuguesa no Brasil livre em seus próprios movimentos; aliás são conhecidas as suas tendências pró-idealismo vossleriano. Tristão de Athayde, em *Primeiros Estudos*, chegou a dizer que João Ribeiro escrevia história com idéias e não com os fatos. E o disse como elogio e não como censura. Quis assim distinguir o historiador do historiógrafo.

É esse escritor polimorfo (ou polígrafo, como preferem outros), que nos traz agora a Prof<sup>a</sup> Núbia Marques, num preito de admiração, saudade e justiça. Como quase simultaneamente o fizera Hilma Ranauro, em sua competente e bem documentada *Contribuição à Historiografia dos Estudos Científicos da Linguagem no Brasil*. É o João Ribeiro redivivo, para falar com Antônio Houaiss.

\*

LIMA, Sônia Maria van Dijck & FIGUEIREDO Jr. *Cartas de Gilberto Freyre*, João Pessoa, FUNESC, 1997, 75 p.

Trata-se da correspondência passiva entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego, ao todo 116 cartas escritas no período entre 1924 e 1956. O trabalho faz parte de um Projeto denominado “Ateliê de José Lins do Rego”, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Sônia Maria van Dijck Lima, e é constituído pelo catálogo das cartas enviadas por GF a JLR no período supracitado. As cartas pertencem à Fundação Espaço Cultural da Paraíba, que as recebeu por doação do saudoso romancista. A essas cartas apôs a Prof<sup>a</sup> Sônia Maria esclarecedoras notas de pesquisa, que enriquecem a coletânea. Este é o quarto volume de uma série dos catálogos do arquivo José Lins do Rego.

O empenho da Universidade Federal da Paraíba em manter viva a memória cultural brasileira só merece louvores, agora com este, volume entregue à competência dos professores Sônia Maria van Dijck Lima e Nestor Figueiredo Jr.

\*

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de & SOARES, Maria Elias (org.). *A Linguagem Falada em Fortaleza* (Diálogos entre Informantes e Documentadores), Mestrado em Lingüística e ensino da língua portuguesa, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996, 483 p.

Consta o presente volume das seguintes partes: Apresentação, pelas Coordenadoras; Histórico do *Projeto Dialeto Sociais Cearenses*; Organização das Entrevistas; Normas de Transcrição; Transcrição das Entrevistas (o corpus do trabalho). O breve histórico do Projeto é da autoria da Prof<sup>a</sup> Cláudia Roncarati.

O objetivo do Projeto é a criação de Bancos de Dados disponíveis para estudos de alunos, professores e pesquisadores. Com base nos dados já acumulados, está sendo desenvolvido o projeto “Despalatalização e Conseqüente



iotização no falar de Fortaleza” (*trabaiá* por *trabalhar*, p. ex.) e se acham já elaborados dois novos projetos: “As vogais pretônicas no falar de Fortaleza” e “As proparoxítonas na linguagem popular de Fortaleza”. Na “Apresentação”, falam as coordenadoras num “acervo dos mais significativos para o estudo dos falares cearenses”, o que parece alargar o âmbito da pesquisa do socioleto para o dialeto. Quanto aos entrevistados devem ter de 10 a 43 anos, não ter nenhuma instrução (analfabetos) ou possuí-la do 1º grau (primário e ginásio) até o 2º grau (não entra o nível superior). A classe social é B (média) ou C (baixa). Como a pesquisa tem em vista a língua falada, pode-se dizer que o material colhido pertence ao nível coloquial distenso, para falar com Mattoso Câmara Jr.

Percorrendo rapidamente o material coligido, encontramos formas coloquiais como *né* (por *não é*), *tá* (por *está*), *assistir uma parte* (por *a uma*), *lá não tem* colégio (por *não há*), *Se arruma* (por *Arrume-se*), entre várias outras. Como se vê, “incorreções” iguais às praticadas por falantes do mesmo nível de instrução do Rio de Janeiro (e certamente de quase todo o Brasil). O que confirma, mais uma vez, a observação pré-documental da unidade lingüística do Brasil, mesmo em nível coloquial.

Maria do Socorro Aragão e Maria Elias Soares são dois expressivos exemplos da seriedade dos estudos e pesquisas que vem desenvolvendo Universidades do Nordeste, como as federais da Paraíba e Ceará.

\*

CULTURA, *Revista de História e Teoria das Idéias* (II Série). Publicação, anual do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, vol. VIII, 1996, 280 p.; vol. IX, 1997, 450 p.

A revista foi fundada em 1982 pelo Prof. José Sebastião da Silva Dias e agora inicia nova fase. Seu atual Diretor é o Prof. José Esteves Pereira. Os dois volumes desta segunda série são alentados e muito ricos de colaborações. Os temas vão desde a Filosofia (Zília Osório de Castro, Lucian Holscher (em inglês), Viorel Guliciuc (em francês), à Economia (José Esteves Pereira), à Política (Zília Osório de Castro), à Religião (várias em mesa.-redonda), no primeiro volume; no segundo volume, todos os assuntos giraram em torno da problemática do livro e da leitura. Sirvam de exemplo os seguintes artigos: “Fronteiras da história do livro” (Artur Anselmo), “Que todas as pessoas façam rol de todos os livros que tiverem” (Rita Marquilhas), “False imprints: identifying the publishers of surreptitious french works of the eighteenth

century” (David S. Smith), “Verdadeiro Método de estudar” (Teresa Payan Martins), “La révolution de la lecture au XIII<sup>e</sup> siècle: mythe ou réalité?” (Roger Chartier).

São revistas como *Cultura* que definem o padrão acadêmico já atingido pela Universidade Nova de Lisboa.

\*

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LÍNGUA PORTUGUESA, anos 9-11, n<sup>o</sup> 9, 1988-1990, Fortaleza, Ceará.

O Presidente da Academia é o escritor Carlos d’Alge, bastante conhecido nos meios intelectuais do país. Neste número assina a apresentação da revista, onde se colhe a informação de que o n<sup>o</sup> 9 homenageia o professor José Marques da Cruz, português de nascimento, mas que exerceu o magistério no Brasil, onde formou numerosos discípulos, não só em sala de aula, mas também, e não em menor número, através dos ensinamentos hauridos em seus livros didáticos, à época dos mais difundidos nos meios escolares do país. O n<sup>o</sup> 9 também se associa às comemorações pela passagem do nascimento de Fernando Pessoa.

Assinam os artigos do presente número os mais categorizados mestres de língua portuguesa do Ceará: Antenor Gomes de Barros, Antônio Pessoa Pereira, Batista de Lima, Carlos d’Alge, Edmilson Monteiro Lopes, Hélio Melo, Itamar Espíndola, José Rogério Fontenele Bessa, José Lemos Monteiro, Myrson Lima, Sinésio Cabral, Waldemar Alves Pereira.

Fortaleza possui valoroso núcleo de estudiosos da língua portuguesa, testemunho de que continua vivo o culto da língua pátria, entre os que sabem que é na produção literária que se encontram disseminadas as mais altas formas de expressão do patrimônio espiritual de um povo. E disso é prova a existência na bela capital cearense de uma Academia de Língua Portuguesa.

\*

REVISTA BRASILEIRA, fase VII, janeiro a março 1997, ano III, n<sup>o</sup> 10.

A *Revista Brasileira* é órgão oficial da Academia Brasileira de Letras e tem por Diretor o acadêmico João de Scantimburgo. O presente número homenageia a memória do Pe. Antônio Vieira, pelo transcurso do terceiro centenário de sua morte. Consta o presente número dos seguintes artigos: João de Scantimburgo, “O tempo em sermão do padre Antônio Vieira”; Pe. Armando

Cardoso, “O padre Antônio Vieira, missionário da Amazônia”; Pe. Hélio Abranches Viotti, “Vieira através de sua brasilidade”; Rev. José Gonçalves Salvador, “O padre Antônio Vieira e os cristãos-novos”; Leodegário A. de Azevedo Filho, “Arte, tópica e método de Vieira no Sermão da Sexagésima”; Sílvio Elia, “O enigma da *Arte de Furtar*”.

Há duas transcrições: uma do falecido acadêmico Ivan Lins, de convicções positivistas, intitulado “Atualidade do Padre Antônio Vieira, S.J.” e outra do saudoso e eminente gramático baiano, Ernesto Carneiro Ribeiro, sob o título “O padre Antônio Vieira, clássico da língua portuguesa”, condensação de conferência pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. (seguem-se excertos de *Sermões*, *Cartas* e *Livros* do Padre Antônio Vieira S.J.): “A poesia de Miguel Reale”, pelo Embaixador José Augusto Seabra, e o discurso do Acadêmico Herberto Sales, por ocasião do recebimento do título de Doutor *honoris causa*, outorgado pela Universidade Federal da Bahia.

Este número é a reverenciada homenagem ao grande pregador jesuíta, que passou momentos altamente significativos de sua vida missionária em nosso país, onde veio a falecer, prestada pela mais relevante instituição cultural brasileira.

\*

#### REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE LETRAS, n° 4, 1996.

Esta revista é órgão oficial da Academia Luso-Brasileira de Letras. A Revista não tem Diretor e sim Coordenadores, que são os acadêmicos Kepler Alves Borges, Presidente da instituição, e Francisco Silva Nobre, assessor da Presidência.

Colaboram neste número: Sylvia da Costa Alves Borges (“A imprensa luso-brasileira e nossa Academia”), F. Silva Nobre (“Turismo pelo Brasil”), Arnaldo Machado (“Saudação em sessão festiva”), Ítalo de Saldanha da Gama (“O ouro do mundo e o judeu errante”), Kepler Alves Borges (“O verbo na linguagem jurídica”), Dagmar Lourenço (“O amor é lindo”), José Fernando Miranda Salgado (“Relações Luso-Brasileiras”), Cléa Gervason Halfeld (“O novelo da vida”), Marta Nolding (“Convite à leitura dos *Diálogos de Amor*, de Leão Hebreu”), Thereza Bittencourt Renha (“Fernando Pessoa”), Geraldo Halfeld (“Bruxismo”), Ovídio da Cunha (“A Mulher, o Mito e a Civilização”). O número contém ainda “Discursos Acadêmicos” (por Antero de Macedo, discurso de posse, e de Joaquim Simões de Faria, saudação ao novel acadêmico). O astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão assina ainda um artigo em que se ocupa com “A Astronomia e a Astrologia em *Os Lusíadas*”. Completa o número uma secção dedicada à *Poesia*.

A Academia Luso-Brasileira de Letras vem, desde a fundação, percorrendo uma trajetória de incansável labor em prol de uma constante e fraternal convivência cultural entre as duas irmãs atlânticas.

S.E.

\*\*

GONÇALVES, Francisco Rebelo. *Obra Completa*, vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, XXIX + 857 págs.

Em muito boa hora o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, tão proficientemente dirigido pela figura ímpar do Prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins, inclui no plano de suas edições a reunião dos livros e artigos – muitos dos quais esparsos em publicações de difícil acesso ao público estudioso, além de alguns inéditos – desse notável humanista que foi Rebelo Gonçalves – de nome completo Francisco da Luz Rebelo Gonçalves –, nascido em 1907 e falecido em 1982. Reparte-se o volume pelas seguintes seções: *Estudos maiores e menores; Notas, prefácios e recensões; Humanismo e Humanidades Clássicas hoje; Inscrições, Composições poéticas em grego, latim e português*. Iniciou suas atividades de docência universitária em Lisboa, depois em Coimbra e finalmente em Lisboa, desempenhando durante alguns anos também funções de magistério na então recentemente criada Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo. Discípulo dileto de José Maria Rodrigues, José Joaquim Nunes e José Leite de Vasconcelos, na Faculdade de Letras de Lisboa, dono de sólida formação científica, de rica memória e de extraordinária atividade de trabalho, logrou, por concurso, ser o mais jovem doutor e catedrático da Faculdade onde estudara. Legou ao ambiente universitário português dois Institutos de Estudos Clássicos (Coimbra e Lisboa) e duas revistas de peso internacional, *Humanitas* (em Coimbra) e *Euphrosyne* (em Lisboa).

A extensa obra dedicada às línguas clássicas, à portuguesa e à Camonística, num largo espaço de mais de quarenta anos, será coligida em três tomos, dos quais este I está dedicado à Filologia Clássica. Como acentuou o Prof. Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes na longa, substanciosa e crítica introdução à figura e à obra do notável humanista, seus trabalhos deixam facilmente delineada a influência positivista que lhe incutiram seus melhores mestres da Universidade de Lisboa, revelada na preferência, com sólida preparação filológica, da história comparada da língua latina e da grega, da etimologia, da ortografia e da lexicologia clássicas e vernáculas, da acuidade na solução de intrincados problemas de crítica e interpretação textual (onde

não faltava “um enorme gosto por descobrir a chave dos enigmas que se põem à erudição”), sem falar na elegância e facilidade com que escrevia o latim e o grego, “mantendo assim viva a tradição dos meios universitários europeus na primeira metade deste século”.

Não se pode concluir este registro do vol. I da *Obra Completa* de Rebelo Gonçalves sem uma palavra especial ao carinho e devoção de sua filha, a competente Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Isabel Rebelo Gonçalves, da Universidade de Lisboa, ao reunir os estudos, ordená-los e prepará-los para publicação.

Se este I volume vem enriquecido com a introdução do Prof. Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes, será o II, dedicado aos estudos de Língua Portuguesa, introduzido pelo Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, e o último, que coligirá os ensaios atinentes a Camões e aos estudos camonianos, contará com a apreciação crítica do Prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins.

Fazemos daqui votos para que os outros volumes venham logo à luz para proveito de quantos estudam seriamente a Lingüística e a Filologia Clássica e Românica.

\*

AGUIAR, Martinz. *Repassé Crítico da Gramática Portuguesa*. 2<sup>a</sup> ed. Fortaleza, UFC, Casa de José de Alencar, 1996.

Ainda que tardiamente – pois só agora, na Bienal do Livro de São Paulo – tomamos conhecimento da saída deste livro do grande Mestre que foi Martinz de Aguiar, uma das maiores glórias dos estudos lingüísticos no Ceará, registramos o aparecimento da 2<sup>a</sup> ed. desta valiosa obra. Saída a 1<sup>a</sup> edição do livro em 1922, como trabalho *ad libitum* apresentado à Congregação do Liceu do Ceará, logo marcou o *Repassé Crítico* a posição vanguardeira do Autor, atravessando as barreiras do seu Estado natal e ganhando a admiração e respeito dos centros acadêmicos mais em projeção do país. Sua crítica à conceituação de advérbio logo mereceu transcrição na *Gramática* superior de João Ribeiro uma das fontes mais autorizadas da época, mas muito parcimonioso em citação de autoridades. O Sul desde cedo acostumou-se a apreciar o talento do professor cearense, pela exatidão dos ensinamentos e pela coragem com que defendia seus pontos de vista. Pela Organização Simões do Rio de Janeiro fora publicado, em 1955, esse punhado de importantes informações que são as *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Tive o prazer de conhecer de perto esse mestre e essa figura humana admirável, que nunca saiu do Ceará, mas que procurava estar a par do que se publicava dentro e fora do país. Fruto desta amizade, tão proveitosa e cara para mim, explica-se a gentileza de me ter

dedicado a 2ª edição de suas *Notas e Estudos de Português* (Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971).

Falecido Aguiar em 1974, seu filho e incansável batalhador para conseguir a publicação das suas obras completas, o Dr. Alcimo Cavalcante de Aguiar, empenhou-se na preparação dos originais, revistos e consideravelmente aumentados, e, por iniciativa minha, enviou-mos a fim de conseguir publicá-los pela Presença, do Rio de Janeiro, uma vez que praticamente esta Editora se especializara em patrocinar obras filológicas e lingüísticas, pelo carinho devotado a este gênero de estudos do editor Gregore Dobrinesco, há pouco falecido. Foram baldados todos os esforços, pela dificuldade de encontrar subsídios financeiros. Agora, pelo entusiasmo do filho Alcimo, coordenador da edição, e desse incansável intelectual, Antônio Martins Filho, a quem tanto devem a Educação e a Cultura do Ceará, uma parte da almejada coleção das *Obras Completas – o Repasse Crítico* – vem à luz quase dez anos depois de preparados os novos originais, agasalhada pela Coleção Alagadiço Novo, enriquecida ainda com prefácio tão afetivo quanto erudito do conterrâneo de Aguiar o Professor Hélio Melo.

Os jovens estudiosos que não conhecem Martinz de Aguiar vão passar a admirá-lo não somente pela original grafia etimológica do seu *Martinz com z*, mas pela originalidade de muitas das suas lições, algumas das quais são hoje postas em relevo pelos modernos estudos lingüísticos. Só para citar apenas uma neste breve registro, é o caso de sua opinião sobre *porque* (e reflexos nas grafias *por que* e *porque*), cuja fundamentação está hoje defendida por autoridades como Emilio Alarcos Llorach e Eugenio Coseriu.

Praza aos céus encontre editor seu ilustre filho Alcimo para as *Obras Completas*, cujo originais estão de há muito preparados, a fim de que persistam as boas lições do inesquecível Amigo e excelente Mestre Martinz de Aguiar.

\*

MACEDO, José Tavares de. *Obras Inéditas: Ensaio sobre o Estudo Histórico das Línguas e Elementos de Grammatica Portuguesa*. Edição de Ivo Castro. Lisboa, Associação Portuguesa de Lingüística, 1996.

A presente edição crítico-genética dirigida pelo conhecido e competente lingüista e filólogo Ivo Castro, com a colaboração de alunos do Curso de Mestrado em Lingüística Histórica do Departamento de Lingüística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, só foi possível graças a um feliz acaso: ao comprar um maço de manuscritos à Livraria

Almarjão, no Natal de 1995, encontrou o editor os originais de duas obras lingüísticas de José Tavares de Macedo, cuja redação se situa, aproximadamente, entre 1831 e 1835. A descoberta passou imediatamente por um trabalho preparatório que tornasse possível a presente edição em tempo breve. Chega-nos num momento excepcional da historiografia lingüística portuguesa, em que gramáticos, ortógrafos e lexicógrafos, antigos e modernos, editados ou inéditos, têm seus livros e manuscritos à luz do dia e suas bases teóricas reestudadas pelo crivo das modernas orientações lingüísticas. José Tavares de Macedo, que nasceu em Torres Vedras em 1801, escreveu na mesma quadra de atuação de Couto e Melo, Nunes de Andrade, Ribeiro dos Santos, D. Francisco de S. Luís, Mendonça Falcão (que reviu a 6ª ed. do *Dicionário* de Moraes) e Torres de Almeida, entre outros, e, como sócio efetivo da Academia Real de Ciências, na classe de Ciências Morais, Políticas e Belas Letras, teve como companheiro a Alexandre Herculano, entre outros, na seção de História e Antiguidade. Ignorado ou mal conhecido dos historiadores da gramaticografia portuguesa, aparece citado em Simão Cardoso (*Historiografia gramatical: 1500-1920*) por causa dos *Elementos de Orthographia Portugueza*, obra que faz de Tavares de Macedo, conforme lição de Ivo Castro (*A Demanda da Ortografia*, 1987, p.204), “um dos primeiros defensores em Portugal de uma reforma ortográfica de sentido sônico” (p. XIII da Introdução destas *Obras Inéditas*). Tavares de Macedo exerceu o cargo de deputado, esteve preocupado com problemas relativos à política do ensino, ao comércio, aos temas agrícolas, à relações de Portugal com as colônias, e, além de mais variados assuntos, da década de 50, foi secretário da comissão encarregada de procurar os ossos de Camões.

Deste laborioso espírito, Ivo Castro e sua equipe de colaboradores oferecem-nos estes dois inéditos (*Ensaio sobre o Estudo Histórico das Línguas e Elementos de Grammatica Portugueza*), permitindo-nos assim entrar em contacto com mais um representante do pensamento gramatical de Portugal do século XIX. Cumpre-se, desta maneira, a pretensão da Associação Portuguesa de Lingüística ao idear os Cadernos de que estas *Obras Inéditas* de José Tavares de Macedo constituem o 2º: contribuir para a elaboração de uma História da Lingüística em Portugal.

E.B.

\*\*\*